

## LENTE JOVEM E O PONTO DE VISTA DOS ILHÉUS, EM PORTO ALEGRE<sup>102</sup>

*Deisimer Gorczewski*  
*Jéssica Barbosa dos Santos*  
*Daniela Oliveira Tolfo*

A experiência de acompanhar o projeto Lente Jovem, na Pesquisa In(ter)venções,<sup>103</sup> em Porto Alegre, permitiu-nos perceber a emergência de composições audiovisuais que resistem, inventando pontos de vista singulares, em processos coletivos de criação e edição. Nessa perspectiva, um modo de operar a resistência parece ser disposto nas práticas micropolíticas que fazem emergir conexões um tanto inesperadas. E, antes de trazer narrativas dos encontros, entrevistas com jovens e provocações ao debate, cabe ressaltar a proposta temática e alguns aspectos do processo de criação e produção audiovisual, em especial na terceira edição do projeto “Jovens Olhares sobre o

---

<sup>102</sup> Este capítulo foi composto no enlace de dois trabalhos: Gorczewski; Soares (2014), e Gorczewski et al. (2012), elaborados anteriormente, os quais foram retrabalhados e ampliados para esta publicação.

<sup>103</sup> Uma apresentação mais detalhada do Projeto Lente Jovem e do bairro Arquipélago, em Porto Alegre, pode ser acessada no capítulo “Ilhas que Resistem: Titanzinho, em Fortaleza; Arquipélago, em Porto Alegre”, neste livro.

Arquipélago”, coordenado pela ONG CAMP<sup>104</sup> Para a realização do estudo, acompanhamos as intervenções realizadas entre 2011 e 2013, em Porto Alegre. Neste trabalho, um dos objetivos é analisar as alianças entre o Lente Jovem e o Levante da Juventude.

A pesquisa In(ter)venções tem a perspectiva de cartografar como os jovens exercem o poder de intervir com arte e política em distintas experiências coletivas e inventar alianças nas cidades e universidades. E, entre as linhas de análise, neste capítulo, também apresentaremos as políticas de resistência de coletivos de jovens que problematizam práticas da ditadura, com intervenções urbanas, em especial, em Porto Alegre.

A aproximação entre pesquisadores envolvidos na pesquisa In(ter)venções e o Levante da Juventude aconteceu, primeiramente, no encontro com estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que participam do Levante da Juventude e do PET-Conexões – Juventude e Políticas Públicas, coordenado pela professora Nair Iracema Silveira dos Santos, na área de Psicologia Social e Institucional, na UFRGS. O segundo encontro aconteceu a partir das alianças entre Lente Jovem e Levante da Juventude. A aliança mobilizou a produção de um vídeo do Lente Jovem apresentando o Levante. Um vídeo que será problematizado, na sequência deste capítulo. Essas aproximações também aconteceram em torno das mobilizações por Direito à Educação e os “Escrachos” que o Levante realizou em todo o país.

Na perspectiva de ampliar os espaços de conversação entre jovens e pesquisadores, convidamos o Levante da Juventude e o Lente Jovem a participarem da VIII Roda de Conversa com a temática Políticas de Resistência e as Intervenções Juvenis por Justiça e Direito à Memória, na UFRGS, em dezembro de 2012. E, no ano seguinte, mais precisamente no mês de abril, o Levante foi nosso convidado na IX Roda de Conversa, agora, com a temática: Memórias da Ditadura e

---

<sup>104</sup> Atuando na área de Educação Popular, o Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP) promove o projeto Lente Jovem, desde 2008. O projeto foi criado por Maurício Farias, Beatriz Hellwig e Álvaro Benevenuto, tem coordenação das educadoras Beatriz Gonçalves Pereira, que também coordena o projeto Arquipélago – Território de Direitos, e Daniela Oliveira Tolfo, atual coordenadora geral do Camp.

Políticas de Resistência em Tempos de Democracia. Nesses encontros, as conversas foram evidenciando a necessidade de darmos continuidade ao debate, iniciado em 2012. E, nesse sentido, realizamos a última Roda de Conversa,<sup>105</sup> em Porto Alegre, propondo o encontro de jovens que participam do Levante e do Coletivo Aparecidos Políticos, entre outras organizações e movimentos juvenis, tendo como tema: Memória e Resistência – Intervenções Urbanas em Fortaleza e Porto Alegre. No decorrer deste capítulo, retomaremos questões que pausaram as Rodas de Conversa, em Porto Alegre, entre outros aspectos a serem mais detalhados.

## Projeto Lente Jovem

O Lente Jovem, em especial na terceira edição, foi proposto com a intenção de agregar e envolver jovens que vivem em todas Ilhas, no bairro Arquipélago, em Porto Alegre. O Arquipélago é formado por dezesseis ilhas, sendo somente cinco habitadas (Pintada, Flores, Grande dos Marinheiros e Pavão), ligadas por pontes e divididas por consideráveis diferenças econômicas e sociais.<sup>106</sup>

A maior dificuldade do Projeto foi com o envolvimento dos jovens que vivem na Ilha do Pavão. Cinco jovens interessaram-se, mas nenhum participou. A comunidade é composta por famílias de carroceiros que fazem a coleta do lixo reciclável no continente e levam para as famílias separarem. As Ilhas das Flores e Pintada, com melhores condições de urbanização, cujas famílias trabalham no centro e em bairros próximos, tiveram um envolvimento maior. O projeto, na Ilha Grande dos Marinheiros, teve relativo engajamento. Esta ilha também conta com grande quantidade de carroceiros e recicladores, no entanto, tem uma ocupação mais antiga e estruturada.

<sup>105</sup> Na pesquisa In(ter)venções foram realizadas Rodas de Conversa em Porto Alegre e Fortaleza. Mais detalhes no blog <http://pesquisaintervencoes.blogspot.com.br/p/rodas-de-conversa.html>

<sup>106</sup> Ver mais detalhes no capítulo: “Ilhas que Resistem: Titanzinho, em Fortaleza; Arquipélago, em Porto Alegre”, neste livro.

Os jovens participantes traziam para os espaços do Projeto, as oficinas, as singularidades nos modos de viver e habitar as Ilhas que formam o Arquipélago. Naquele momento, consideramos importante trabalhar as questões que emergissem sobre o cotidiano dos jovens; assim, foram surgindo os temas que, aos poucos, se transformariam em roteiros e vídeos. Como um movimento mais provocativo para que questionassem as condições de segregação e precariedade e as marcas produzidas em seus modos de existência fragmentada, e até mesmo conflituosa, realizamos algumas saídas de campo. Muitos deles entraram na Ilha do Pavão e na Ilha Grande dos Marinheiros pela primeira vez.

O projeto propõe aos jovens um processo de formação em vídeo com encontros, oficinas e estágio de captação de imagens e edição, durante doze meses. Os encontros acontecem mesclando exposições, exercícios de leitura e análise de filmes, vídeos e debates em temas como: história do cinema, da televisão e questões relacionadas às juventudes. As oficinas temáticas envolvem experiências com musicalização, improvisação, operação de equipamentos de filmagens, enquadramentos, movimentos de câmera e trabalho de campo para a produção dos vídeos (elaboração de roteiro, filmagem e edição). Também acontecem oficinas mais específicas com temas e experiências em produção audiovisual, roteiro, edição, bem como debates sobre questões de estética. E, por último, os jovens realizam estágio, com orientação e apoio para captação de imagens e montagem.

A cada vez que ocorre, o projeto vem contando com a assessoria de educadores e oficinairos, em distintas temáticas.<sup>107</sup> E, na terceira edição, também participaram jovens monitores formados em edições anteriores. “Um passo que consolidou o propósito de compartilhar o conhecimento acadêmico sobre o fazer do audiovisual e da apropriação deste patrimônio pelos atores sociais” (BENEVENUTO; MASSING; SUSIN, 2012).

<sup>107</sup> Na terceira edição, os jovens contaram com a assessoria dos educadores: Leonardo Dorneles, nas oficinas de musicalização; Hopi Chapman e Alberto Souza (Beto), no processo de criação e produção audiovisual – captação de imagens, roteiro e edição.

Na pesquisa, acompanhamos praticamente todos os momentos, embora, pontualmente, participando de encontros de formação e produção audiovisual, gravando oficinas, acompanhando os debates dos temas escolhidos para os roteiros e, posteriormente, de alguns encontros de edição.<sup>108</sup> Também convidamos os jovens e educadores para: a) participarem das Rodas de Conversa, junto ao coletivo de pesquisa PET - Conexões, na UFRGS, e o Grupo de Pesquisa Educação e Micropolíticas Juvenis;<sup>109</sup> b) compartilharem ações com o Fórum de Educação da Restinga e Extremo Sul (FERES); c) realizarem parcerias com o Projeto Na Boa em PoA.<sup>110</sup> E, ainda, realizamos entrevistas-conversas com educadores e jovens participantes do projeto.<sup>111</sup>

## Os pontos de vista dos jovens que vivem no Arquipélago, em Porto Alegre

As narrativas de Vanessa do Nascimento Sezar tomaram nossa atenção, em especial por ter participado das duas últimas edições com experiências diferenciadas. No projeto, os jovens formam pequenos grupos e, na primeira experiência, Vanessa e seus colegas escolheram contar a vida dos moradores de rua, em Porto Alegre. Ela não esconde a surpresa do encontro com os diferentes “porquês” que levaram seus entrevistados a escolher a rua como território existencial:

[...] a gente passava pela rua e pensava: “eles estão aqui porque querem”. A gente não conhece a realidade deles, mas conver-

<sup>108</sup> No processo de edição, no terceiro Lente Jovem, foram produzidos cinco vídeos: *Semana das Ilhas*; *Os carroceiros II, Drogas*; *Ilha das Flores (ponto de vista dos ilhéus)*; *Levante Popular da Juventude Internacional*.

<sup>109</sup> Grupo de Pesquisa coordenado pela professora Nair Iracema Silveira dos Santos, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, na UFRGS.

<sup>110</sup> Projeto coordenado pela professora Clarisse Abrahão, no InovaPoA, Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

<sup>111</sup> Foram realizadas entrevistas com os jovens e irmãos Vanessa e Felipe do Nascimento Sezar, as educadoras Beatriz Hellwig e Daniela Tolfo e, inclusive, com um dos criadores do Lente Jovem, o antropólogo Maurício Farias.

sando com eles é bem diferente[...]. Eles não estão ali porque querem, por exemplo, eu conheci um rapaz que tava ali porque brigava muito com o pai [...]. Eu conheci também um senhor que foi abandonado pela família, a família dele abandonou ele, ele tava ali, chorou quando tava contando pra gente, tava muito emocionado, daí [...] eu conheci uma mulher, um casal que perdeu a casa, prendeu fogo e a única opção foi a rua [...]. Ah, a gente pensava: “ah, tá ali porque quer, a *maioria que tá ali é porque quer*”, mas vê que é bem diferente, né? (Entrevista-conversa realizada com Vanessa, em junho de 2012).<sup>112</sup>

Já na terceira edição, Vanessa envolveu-se com a escolha dos temas de dois grupos e acabou participando de ambos, tendo funções diferentes.<sup>113</sup> Neste estudo, analisamos a experiência que se propôs como um contraponto, ou ainda, como outra versão do filme *Ilha das Flores*, de Furtado (1989).

O documentário *Ilha das Flores* de Furtado (1989) foi um dos momentos e fatos marcantes na construção da imagem dos moradores e das Ilhas, interferindo nos modos de ser e viver no Arquipélago. Boa parte dos jovens já havia visto o documentário, e os educadores do Lente Jovem consideraram importante provocar novos olhares. Assim, a indignação é atualizada, desde as primeiras oficinas, produzindo o desejo de fazer um contraponto ao famoso e premiado documentário.

Vanessa narra o seu envolvimento no processo de criação, ou melhor, cocriação, em se tratando de produções audiovisuais coletivas e singulares:

[...] agora, nessa terceira edição, voltei a assistir o “Ilha das Flores” [...], o documentário do Jorge, né! Daí, até o Hopi [educador do Lente Jovem] não sabia que o Curta foi gravado na Ilha Grande [...] e aí a gente disse pra ele que esse filme foi realmente

<sup>112</sup> As narrativas e relatos de campo, realizados neste artigo, foram produzidos entre setembro de 2011 e abril de 2012. As falas foram transcritas e os relatos escritos por integrantes do Coletivo In(ter)venções e, neste texto, serão indicadas em itálico.

<sup>113</sup> O outro tema foi o Levante da Juventude e, nesse audiovisual, Vanessa foi, inclusive, uma das entrevistadas. Na sequência, trataremos mais detalhes.

gravado na Ilha Grande dos Marinheiros e que até aparece no documentário, no finalzinho ali [...] que as cenas foram feitas na Ilha Grande. Daí, então, [...] vamos fazer um contraponto pra dizer que isso é mentira, que não é bem assim. Que isso aí puxa mais para a ficção porque as pessoas não comiam dos porcos, porque ali ele colocava que as pessoas eram menos que os porcos. Daí, vamos fazer isso, então, daí a gente tava com essa ideia. A gente foi indo, foi fluindo e tal. A gente ficou nessa de fazer a nossa!! A nossa versão do “Ilha das Flores”! Fazer pra dizer que não é bem assim, que não foi na Ilha das Flores e que ele botou esse nome só porque a Ilha das Flores era mais fácil de sucesso, comercialmente... Quando a gente fala de um documentário com o nome de Ilha Grande não ia ter muita repercussão assim não [...] como teve (Entrevista-conversa realizada com Vanessa, em junho de 2012).

O grupo formado para trabalhar esse vídeo foi composto por jovens da Ilha das Flores e da Grande dos Marinheiros, onde o documentário foi filmado de fato. A ousadia dos jovens foi impulsionada pelo trabalho de Alberto, educador que acompanhou o grupo.<sup>114</sup> A construção do roteiro foi marcada pela vontade de expressar a indignação de moradores mais antigos que até haviam participado das filmagens do filme de Jorge Furtado.

Ficavam mais visíveis, a cada oficina e saída a campo, as marcas que o Ilha das Flores produziu nos moradores das Ilhas. Os jovens traziam as falas que escutavam, levando adiante um sentimento de vergonha imposto pelas cenas em que seres humanos se alimentavam depois dos porcos.

Nos estudos de Guidotti (2010a, 2010b), encontramos questões muito próximas às produzidas por jovens e moradores das Ilhas, questões essas que provocam a pensar e, no caso dos jovens, a produzirem a versão *Ilha das Flores (ponto de vista dos ilhéus)*.<sup>115</sup> Então, que ques-

<sup>114</sup> Alberto havia sido educando do Projeto na primeira edição do Lente Jovem.

<sup>115</sup> Uma das estratégias de difusão das produções audiovisuais do Projeto Lente Jovem foi inseri-las no Youtube. *Ilha das Flores (ponto de vista dos ilhéus)*, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kBEnS2GJQH8>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

tões foram essas? Nos estudos de Guidotti (2010a), as perguntas foram assim formuladas:

Ora, o que poderia ser mais doloroso do que seres humanos estarem abaixo de porcos numa escala de prioridade? A situação absurda nos contamina com sensações, faz emergir a imagem-tempo e seus devires. Diante de tamanha miséria, fica o silêncio, a contemplação, a impossibilidade de agir. A sensação arrebatadora produz o tempo, o pensamento. Uma questão que vale ser levantada é: Por que “Ilha das Flores” foi composto dessa forma? Por que dar um tratamento irônico a uma questão tão trágica? (GUIDOTTI, 2010a, p. 7).

E, ao buscar respostas, a pesquisadora oferece rastros de como foi encontrando novas perguntas:

Algumas das intenções do autor podem ser verificadas através da leitura de anotações feitas por Furtado no roteiro de “Ilha das Flores”, ou ainda em seu livro *Um astronauta no Chipre*. Jorge Furtado diz ter utilizado algumas estratégias para que um filme sobre o lixo, solicitado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, não acabasse restrito ao espaço acadêmico [...] (GUIDOTTI, 2010a, p. 7).

No caso dos jovens, estudantes de escolas municipais, moradores das Ilhas e participantes do Lente Jovem, o curta deixou marcas nada leves, apesar das manifestações que afirmam a relevância do vídeo por tratar dos descasos com a vida nas periferias urbanas. Nas entrevistas, realizadas no vídeo, alguns moradores expressam bem esse sentido paradoxal.

Primeiro, o filme foi feito na Ilha Grande dos Marinheiros. E, quando o pessoal que mora na Ilha das Flores viu o filme se indignou com tamanha barbaridade (!) ser feito aqui na Ilha Grande e levar o nome de Ilha das Flores [...]. Pela grande propagação que teve o filme fora houve a exclusão, aqui. As pessoas não queriam mais saber de nós até chegar um ponto que nós também tínhamos vergonha e não queríamos sair da Ilha para trabalhar fora. [...] Sei que é um filme que tem um teor edu-



cacional enorme! Eu sei que é um filme que deu exemplo para vários países no mundo. E eu sei que ele foi muito importante, mas pra nós ele nos destruiu, nos atrasou décadas de desenvolvimento (ILHA DAS FLORES, 2012).

Ao assistir o vídeo *Ilha das Flores (ponto de vista dos ilhéus)*, na VII Roda de Conversa,<sup>116</sup> na UFRGS, enfatiza-se o exercício crítico dos jovens, um exercício de desconstrução de argumentos apresentados tanto no *Ilha das Flores* como no *Fraternidade*,<sup>117</sup> segundo vídeo de Jorge Furtado, que retoma a temática das Ilhas. O vídeo com o ponto de vista dos ilhéus configura uma proposição que encontrou, nas narrativas dos entrevistados, a força e a intensidade de quem ainda vive as marcas produzidas, intencionalmente. Nas análises de estudos voltados ao processo de criação e produção do filme *Ilhas das Flores* encontramos as anotações do diretor e roteirista, na introdução do roteiro original do filme *Ilhas das Flores* como apresenta Guidotti:

[...] sua intenção foi mostrar de forma absurda uma situação absurda: “seres humanos que, numa escala de prioridade, se encontram depois dos porcos. Mulheres e crianças que, num tempo determinado de cinco minutos, garantem na sobra do alimento dos porcos sua alimentação diária”. Furtado diz ainda: “para convencer o público a participar de uma viagem por dentro de uma realidade horrível, eu precisava enganá-lo. Primeiro tinha que seduzi-lo, e depois dar a porrada” (GUIDOTTI, 2010a, p. 8).

<sup>116</sup> Roda de Conversa realizada no dia 7 de julho de 2012, no Instituto de Psicologia da UFRGS.

<sup>117</sup> *Fraternidade* é um dos sete filmes da campanha Valores do Brasil, do Banco do Brasil. Cada filme aborda uma virtude diferente: afeto, alegria, confiança, conhecimento, fraternidade, identidade e originalidade, resultado de pesquisa encomendada pelo próprio banco. Jorge Furtado escolhe fazer um filme retomando o curta-metragem *Ilha das Flores*, realizado em 1989, na Ilha dos Marinheiros, onde afirma: “ainda há uma comunidade muito pobre”. A campanha foi veiculada no horário nobre da TV aberta entre 23 de dezembro de 2004 e 4 janeiro de 2005. FURTADO, Jorge. *Fraternidade*. 2007. Disponível em <[http://www.youtube.com/watch?v=q3kw0Z\\_rjBw](http://www.youtube.com/watch?v=q3kw0Z_rjBw)>. Acesso em: 12 abr. 2014.

Vanessa pergunta aos espectadores sobre o nome escolhido por Furtado:

Porque não Ilha do Lixo, ou Ilha Grande dos Marinheiros? Porque Ilha das Flores? E, segue a narração do vídeo, respondendo: Ilha das Flores teria muito mais repercussão. Ilha das Flores é mais fácil associar com lixo — já que, no documentário, Jorge diz: “há poucas flores na Ilha das Flores”.<sup>118</sup>

Nos estudos de Guidotti (2010a, 2010b), encontramos questões muito próximas às produzidas por jovens e moradores das Ilhas, questões essas que provocam a pensar e, no caso dos jovens, a produzirem a versão *Ilha das Flores (ponto de vista dos ilhéus)*.<sup>119</sup> Então, que questões foram essas? Nos estudos de Guidotti (2010a), as perguntas foram assim formuladas:

Ora, o que poderia ser mais doloroso do que seres humanos estarem abaixo de porcos numa escala de prioridade? A situação absurda nos contamina com sensações, faz emergir a imagem-tempo e seus devires. Diante de tamanha miséria, fica o silêncio, a contemplação, a impossibilidade de agir. A sensação arrebatadora produz o tempo, o pensamento. Uma questão que vale ser levantada é: Por que “Ilha das Flores” foi composto dessa forma? Por que dar um tratamento irônico a uma questão tão trágica? (GUIDOTTI, 2010a, p. 7).

Após quinze anos sem ter voltado às Ilhas, Furtado escolhe produzir outro curta, agora, com o nome-conceito de *Fraternidade*. Nos encontros com a gurizada do Lente Jovem, escutamos muitas críticas sobre o que, para alguns, foi um “pedido de desculpas”, ou, ainda, a

<sup>118</sup> Transcrição da narrativa de Vanessa no vídeo Ilha das Flores (ponto de vista dos ilhéus). 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kBEnS2GJQH8>>. Acesso em 12 abr. 2014.

<sup>119</sup> Uma das estratégias de difusão das produções audiovisuais do Projeto Lente Jovem foi inseri-las no Youtube. Ilha das Flores (ponto de vista dos ilhéus). 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kBEnS2GJQH8>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

ideia de que Jorge Furtado busca dar “respostas” às críticas dos moradores das Ilhas. Usando como dispositivo uma carta endereçada ao ator Paulo José, Jorge Furtado propõe “ajudar” os moradores da ilha. Nas palavras e nas imagens que tomam a tela, apresenta suas boas intenções.<sup>120</sup> No entanto, o conceito de Fraternidade parece não ter o mesmo sentido ao analisarmos as narrativas dos jovens e de alguns moradores que vivenciam, cotidianamente, o que, nas palavras do próprio Furtado, precisa ser combatido, ou seja, a “injustiça”.

Dizem que numa guerra alguns têm que ser prejudicados para uma maioria vencer, né. Eu acredito que nessa guerra nós fomos os prejudicados [...]. Tivemos conhecimento do filme, as pessoas que moram aqui, dez anos depois, mas a repercussão na vida das pessoas que moram na ilha, as raras pessoas que estavam conseguindo trabalhar fora, o que aconteceu com elas? Elas eram demitidas. “Ah! Tu é da ilha que come a comida dos porcos” [...]. As pessoas não entendiam. “Ah, nós não queremos que vocês trabalhem mais aqui”. Quando falavam das ilhas, da Ilha Grande, Ilha das Flores eles iam excluindo, excluindo, excluindo [...] (ILHA DAS FLORES, 2012).

## E as alianças do Lente Jovem com o Levante da Juventude

A aliança entre Lente Jovem, Levante Popular da Juventude e CAMP tem uma relevante dimensão territorial: o Arquipélago. Tanto a

---

<sup>120</sup> “Eu espero que o filme tenha ajudado alguém a pensar sobre a injustiça social. Esse é o primeiro passo para acabar com a injustiça social. Filmes também servem para isto. Pensar é o primeiro passo, mas não o único possível. Acho que o filme ajudou pouco as pessoas que moravam e ainda moram na ilha. Não sei, nunca mais voltei lá. Aí pensei que a gente podia voltar lá, mostrar cenas do mesmo lugar há quinze anos e hoje. Podíamos fazer um filme sobre Fraternidade e, ao mesmo tempo, ajudar os moradores da Ilha dos Marinheiros. Nós podemos usar uma parte da produção do filme para fazer obras na ilha. Construir uma cozinha, banheiros, uma sala para cursos e reuniões, podemos construir também uma quadra de esportes e fazer ainda uma nova rede elétrica para o galpão de reciclagem do lixo. Achei que era uma boa ideia – fazer um filme e, ao mesmo tempo, melhorar um pouco a vida das pessoas de verdade, na verdadeira Ilha dos Marinheiros. Talvez isso motive outras pessoas, outras empresas, outros bancos, a ajudar outras comunidades carentes. Um país como o nosso, tão rico e com tanta pobreza – Fraternidade é, principalmente, dividir melhor a riqueza. O que tu acha? Vamos fazer?” (Transcrição da carta).

ONG como o Levante já desenvolviam ações nesse bairro de Porto Alegre, o segundo da cidade em situação de maior segregação e precariedade social.

Os jovens que atuam no Levante Popular realizaram ações de muralismo, oficinas de música e capoeira na Ilha das Flores com o objetivo de organizar, agitar e mobilizar outros moradores da mesma faixa etária. Os encontros aconteceram na Associação Ecológica dos Ilhéus. Essa aliança com o Lente Jovem potencializou a aproximação daqueles que vivem nas demais Ilhas.

É importante destacar que o Levante Popular da Juventude é uma organização que surge dos Movimentos Sociais vinculados à Via Campesina, possuindo, portanto, uma boa estrutura e mesmo certo grau de disciplina em torno de seu objetivo maior: a construção do poder popular, tendo a juventude como protagonista. Os métodos utilizados passam por formar grupos, chamados de “células”, em escolas secundaristas, universidades, favelas, comunidades e vilas. A maioria dos jovens que atuam no Levante são estudantes secundaristas e universitários. Segundo informações que constam no site,<sup>121</sup>

O Levante Popular da Juventude é uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade. SOMOS A JUVENTUDE DO PROJETO POPULAR, e nos propomos a ser o fermento na massa jovem brasileira. Somos um grupo de jovens que não baixam a cabeça para as injustiças e desigualdades (O LEVANTE..., [2--?]).

A aproximação do Levante com os jovens da terceira edição do Lente teve o intuito de convidar e organizar a gurizada para participar do primeiro Acampamento da Juventude que aconteceria em julho de 2011, em Santa Cruz do Sul/RS. Alguns jovens moradores das Ilhas, vinculados ao Lente Jovem ou somente ao Levante, participaram do Acampamento. No entanto, a ideia de transformar o Levante nas Ilhas como temática de um vídeo ainda não tinha surgido entre os partici-

<sup>121</sup> Disponível em: <http://levante.org.br/quem-somos/>

pantes. Quando os exercícios de elaboração de roteiro foram iniciados, nos encontros e oficinas do projeto, é que alguns jovens propuseram realizar algo em torno do Levante.

O vídeo Levante Popular da Juventude Internacional,<sup>122</sup> produzido a partir de uma intervenção nas Ilhas, em Porto Alegre, inicia com a música Bicicleta, mais precisamente, com o refrão: “Invasão das bicicletas. Bicicletas são para gente. Motor quente. Não poluente [...]”, e o narrador informando: “No dia 21 de janeiro, foi organizado o passeio das bicicletas pelo projeto Levante Popular da Juventude, que ocorreu na Ilha Grande dos Marinheiros”. E, em seguida, um jovem entra em cena questionando: “Qual é o sentido, hoje, que nós tamo aqui?! A pergunta é o mote para afirmar:

O sentido, né, é nós conhecer melhor um espaço de Porto Alegre, que às vezes ele é desconhecido, às vezes ele é discriminado, que é o espaço da... do Arquipélago. T’aqui o pessoal que tá gravando, do Lente Jovem, que é do CAMP. Esse pessoal aí mora lá, tá desenvolvendo um trabalho lá, e tem várias iniciativas de trabalho nas Ilhas (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE INTERNACIONAL, 2012).

Uma intervenção urbana – filmada, fotografada e, posteriormente, editada – apresenta-se também como intervenção audiovisual criada e produzida por jovens que participam da terceira edição do projeto Lente Jovem. No vídeo, o Levante é apresentado na voz de um narrador que informa: “O Levante Popular da Juventude foi fundado em 2005 e, hoje, o trabalho no movimento está percorrendo a mais do que 15 estados do Brasil”.

No percurso da pesquisa, chamou a atenção a presença do Levante da Juventude tanto nas Ilhas como na Universidade. Nas idas ao CAMP, em especial no mês de março,<sup>123</sup> encontramos Max, um dos

<sup>122</sup> Levante Popular da Juventude Internacional. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ff2UXuTmfoU>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

<sup>123</sup> No mês de março de 2012, o Coletivo da pesquisa In(ter)venções participou da Semana de Porto Alegre, mais precisamente do Projeto Na Boa em PoA – Aquecendo

ativistas que coordena a área de comunicação do Levante. Ele contou-nos, com detalhes, a intervenção realizada, dias antes, denominada Escrachos, na frente da casa de um dos torturadores do período da ditadura, em Porto Alegre.<sup>124</sup> Na entrevista com Vanessa, escutamos algumas impressões da experiência de acompanhar os Escrachos do Levante da Juventude, na Redenção, em Porto Alegre.<sup>125</sup>

Eu participei uma vez, aqui na Redenção [...]. Sim, daí, eu fui, eu não participei da encenação, mas fiquei ali segurando a faixa e tal... e aí, no final da apresentação, a gente tava indo para... a gente tinha parado, assim, esperando o povo, as pessoas rodarem um pouco para depois fazer mais outra. E, depois foi até interessante. A gente reuniu, assim, e veio até um senhor falar com a gente, né. “Nossa!! muito legal isso que vocês, que vocês fizeram... porque muitos não conheceram... e até tinha umas pessoas rindo da... e tinha umas pessoas mais de idade... nossa! Vocês não passaram por isso né? Vocês não sabem o que é e representavam bem, né”. Por exemplo, tinha uma guria ali que era... a encenação dela era colocar a cabeça na água e gritar e tal...daí até no final esse senhor veio falar com a gente, né, daí ele até se emocionou, ele chorou dizendo assim: “nossa! eu vivia no interior eu não sabia o que estava acontecendo, eu tinha tal idade, né e não sabia o que estava acontecendo porque isso era meio que... no interior não tinha muita informação de que de fato isso acontecia, assim...” Bah! ele se emocionou e deu os parabéns pra gente... porque a gente, né... porque foi esquecido...

---

o Democracine, promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Nesse período, também foram realizadas visitas ao Projeto Lente Jovem, coordenado pela ONG CAMP.

<sup>124</sup> O Coletivo Catarse, que participa do Levante Popular da Juventude, em Porto Alegre, publicou, no dia 26 de março de 2012, um vídeo sobre esse Escracho com o seguinte texto: “Durante a Ditadura Militar, muitas pessoas foram perseguidas, presas, torturadas e mortas. Muitas destas até hoje não foram encontradas. Hoje, em Porto Alegre, o Levante Popular da Juventude organizou um ato para denunciar um dos agentes torturadores do regime ditatorial brasileiro”. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=pOugdI-Uhag&feature=endscreen&NR=1>>.

<sup>125</sup> Intervenção do Levante Popular da Juventude em Porto Alegre, na Redenção, pelo aniversário do Golpe Civil-Militar de 1964, #LevantePelaVerdade. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zPzEDQjfU6Q&feature=related>>. Acessado em 15.03.2014.

nossa, passou por isso e agora ninguém mais fala disso, não fala mais nada... *foi bem legal*.

Além da emoção expressa na voz e no olhar de Vanessa, ao narrar a experiência de acompanhar as “encenações”, também nos convida a pensar como acontecem as reações de quem passa por tais caminhos, ou seja, pelas ruas, esquinas e praças de nossas cidades e se encontra com jovens e suas performances, no caso dos Escrachos, apresentando acontecimentos passados, trazendo à tona memórias e marcas, ainda presentes nas vidas de muitos brasileiros. Como nos diz Oliveira (1997, p. 93):

As marcas são tomadas como estoques de acontecimentos, uma vez que elas ficam num estado de pulsação ou de vibração que pode ser reativado. Quando são reativadas é como se repusessem o acontecimento, mas o que se reativa é a marca do acontecimento e não o próprio acontecimento. Logo, a marca pode ser considerada como estados inéditos que produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos fazendo.

Se o vídeo do Lente Jovem, apresentando a organização do Levante Popular da Juventude, sugeria uma visão mais amena, essa impressão é radicalmente mudada ao ver a ação dos Escrachos, ou melhor, as edições dos vídeos, citados anteriormente. O Levante, assim como as manifestações do Coletivo Aparecidos Políticos,<sup>126</sup> atua denunciando crimes e ditadores políticos. Contudo, de uma maneira exaltada e escancarada, que difere da proposta dos Aparecidos, os jovens chamam a atenção instantânea, com suas passeatas e paralisações de ruas, praças e avenidas, denúncias inflamadas com megafones em espaço público, faixas dependuradas em frente às residências dos ditadores, simulações de torturas etc., reivindicando justiça e punição aos torturadores e assassinos.

---

<sup>126</sup> Ver detalhes das intervenções do Coletivo Aparecidos Políticos no capítulo “Modos de Dizer sobre a Ditadura Civil-Militar Brasileira: Arte Política nas Intervenções de Artur Barrio e do Coletivo Aparecidos Políticos” escrito por Sabrina Késia de Araújo Soares e Alexandre Almeida Barbalho, neste livro.

O incômodo gerado na intervenção audiovisual apega-se, primeiramente, aos sentidos – visão e audição – ao invés de afetar o que de sensível se propõe ao tocar em questões vitais para afirmar o direito à memória e à justiça. Na tentativa de trazer um pouco das situações de repressão vivida por ativistas e artistas, nos anos da ditadura, os jovens que participam do Levante demonstram indignação e repulsa diante das barbaridades sofridas e da impunidade que se arrasta até hoje.<sup>127</sup> Entretanto, às vezes, as encenações não presentificam a força do acontecimento, mas de uma representação “charge-denúncia” que, ocasionalmente, ao contrário de provocar pensamento crítico, pelo público não entender ou se surpreender com a ação, transforma-se em um entretenimento para os que assistem ou ainda uma repetição de clichês e estereótipos que, muitas vezes, podem provocar aversão às manifestações. Nesse sentido, parece interessante observar certo reforço à atitude de “crítica-acusatória”, nos termos apresentados por Oliveira (1997). Como advertem os esquizoanalistas, as máquinas de guerra estão sempre sobre o risco de serem amoldadas pelo instituído.

## Seguimos conversando

Durante o processo de criação e produção audiovisual pelos jovens do Arquipélago em Porto Alegre, observa-se um interesse, na escolha dos enredos, em trazer temáticas próximas ao cotidiano dos moradores das Ilhas, mas que, apesar disso, eram ignoradas pela população geral e até mesmo pelos próprios ilhéus, como se evidencia nas falas de alguns entrevistados do vídeo Levante popular da juventude internacional: “um espaço de Porto Alegre, que às vezes ele é desconhecido, às vezes ele é discriminado, que é o espaço da... do Arquipélago;<sup>128</sup> “[...] essa realidade que é aqui do arquipélago, [...] a gente que vive em Porto Alegre não conhece muito”;<sup>129</sup> ou, quando tratadas, fazia-se de forma negligente por autores distantes ao enten-

<sup>127</sup> Devido à lei de Anistia.

<sup>128</sup> Transcrição da fala de Luciano Fraga, no vídeo *Ilha das Flores (ponto de vista dos ilhéus)*.

<sup>129</sup> Transcrição da fala de Bruna Koerich, no vídeo *Ilha das Flores (ponto de vista dos ilhéus)*.



dimento dos acontecimentos vividos do ponto de vista dos ilhéus, como é o caso do vídeo *Ilha das Flores*.

Sendo assim, os pequenos vídeos realizados pelos jovens, que apresentam um caráter documental, ainda que sem atenção a alguns aspectos como a ampliação das fontes, visam promover o pensamento crítico sobre as questões inerentes ao seu cotidiano ou ainda à História do Brasil, como o vídeo que resultou da parceria com o Levante Popular da Juventude.

No processo de elaboração do roteiro e na edição do vídeo “Levante Popular da Juventude”, evidenciou-se ainda mais o potencial agregador que o Levante teve na convivência com os jovens do Lente. O “fazer parte de algo” para os jovens é muito importante e o Levante coloca-se como uma alternativa. Percebemos, contudo, que a intencionalidade do Levante em formar “células” não se constituiu de fato nas Ilhas, tampouco na Ilha das Flores. As lideranças do movimento, mesmo que se esforçassem para afirmar a autonomia, outros aspectos, como articulação e mobilização, eram os pontos nevrálgicos. Sem a participação efetiva de algumas referências juvenis as atividades não aconteciam. Isso não é de maneira alguma característica somente do Levante. Esse é um dos maiores desafios de organizações e movimentos sociais que atuam com as questões que envolvem a cidadania: criar autonomias.

Nas conversas com os educadores envolvidos no acompanhamento da terceira edição do projeto – inclusive uma das autoras deste capítulo –, escutamos algumas análises do trabalho realizado e, em especial, de como experiências como as do Lente Jovem podem provocar mudanças nos modos de viver e conviver. Ao criar espaços de encontro e potencializar os laços entre os jovens das diversas Ilhas e deles com jovens de outros bairros, na cidade, as experiências com o Lente foram provocando pensar as relações entre todos os envolvidos – jovens, educadores, colaboradores – e os modos de produzir conhecimento em projetos sociais e culturais, na perspectiva da educação informal. Nas palavras de Daniela:<sup>130</sup>

---

<sup>130</sup> Uma das educadoras na terceira edição do Lente Jovem, atualmente, coordenadora do CAMP e coautora, neste capítulo.

Atuar como mediador, provocador e incentivador nesses Projetos – sejam mais pontuais como o Lente Jovem sejam mais políticos e processuais como o Levante – é uma tarefa delicada e fundamental. Problematizar realidades naturalizadas por jovens, provocando pensamento crítico parece ser o que move, nesse trabalho. [...] Muitos jovens nos diziam que o melhor de participar do Projeto era estar reunido fora de uma sala de aula, conversando, escutando música, namorando e, ao mesmo tempo, e muitas vezes até, sem notar, aprendendo, questionando, abrindo novas possibilidades de caminhos para a vida.

Ademais, é interessante perceber como a obra *Ilha das Flores* (*ponto de vista dos ilhéus*), além de trazer um contraponto ao premiado documentário *Ilha das Flores*, de Jorge Furtado, esforça-se em apresentar o grupo de moradores de maneira humanizada, em uma tentativa de amenizar os infortúnios trazidos a essas pessoas pela outra obra audiovisual, produzida por um autor que parece um tanto alheio àqueles a quem filma, tratando-os como meros “objetos de trabalho”. E, nesse sentido, dando a entender que seu interesse maior seria somente aumentar o alcance e impacto social de sua obra.

O *Ilha das Flores* (*ponto de vista dos ilhéus*) expôs os argumentos, as mágoas e vergonhas da comunidade das Ilhas e também apontou algumas das estratégias apresentadas pelo diretor, ao mesclar cotidiano e ficção, num documentário que ainda é muito utilizado por escolas e universidades. É sabido que é um documentário que toca, choca, tendo inclusive o poder de alterar caminhos e visões de mundo. A produção do vídeo *Ilha das Flores* (*ponto de vista dos ilhéus*) parece ter tido o mesmo poder com os jovens que se propuseram a realizá-lo.

Nesses percursos de criação, outro ponto importante é o processo de edição, que, devido a seus recortes, montagens etc., pode deturpar a mensagem original para o receptor, e acabar não cumprindo a sua função pretendida, criando uma teia de contrapontos que gera múltiplas possibilidades de interpretações entre os envolvidos na tramitação da mensagem, até mesmo nos próprios jovens autores.

Com isso, é conveniente ressaltar não somente as criações audiovisuais com ponto de vista singular, mas, também, o impacto que o

processo de produção em si causa nos participantes do projeto, como quando, por exemplo, eles percebem o equívoco de seus preconceitos sobre os motivos que levam pessoas a viverem nas ruas.

Sendo assim, nesses processos de criação e produção, emergem novas possibilidades ampliando a perspectiva de ser e de viver no mundo, fazer-se enunciar, ou ainda, modificando os discursos, graças à aproximação e comunicação estabelecida entre singularidades que atuam coletivamente.

## Referências

Ilha das Flores (ponto de vista dos ilhéus). 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kBENS2GJQH8>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

FURTADO, Jorge. Ilha das Flores. 35 mm, 12 min, cor. Casa de Cinema de Porto Alegre: Porto Alegre, 1989.

Levante Popular da Juventude Internacional. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ff2UXuTmfoU>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

AGUIAR, Kátia Farias de; ROCHA, Marisa Lopes Micropolítica e o Exercício da Pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em Análise. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 27, n. 4, p. 648-663, dez. 2007.

BENEVENUTO, Álvaro; MASSING, César Vinícius; SUSIN, Michael. Depois da tempestade... a tempestade: uma ação de aprendiz audiovisual. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. *Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2012.

CENTRO DE ASSESSORIA MULTIPROFISSIONAL. Lente Jovem. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/camp1983ong>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

FURTADO, Jorge. Roteiro original Ilha das Flores. Disponível em: <<http://www.casacinepoa.com.br>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

GORCZEWSKI, Deisimer; SOARES, Sabrina K. Imagens de si e do mundo incidindo e fazendo emergir composições singulares e coletivas. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; LIMA, Fernanda D. Barbosa (Org.). *Arte jovem: redesenhado fronteiras da produção artística e cultural*. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.

GORCZEWSKI, Deisimer et al. Experiências em pesquisa e intervenção audiovisual com jovens artistas-ativistas, COLÓQUIO INTERNACIONAL DIÁLOGOS JUVENIS: DIMINUINDO DISTÂNCIAS ENTRE NARRADORES E PESQUISADORES, 1., 2012, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: UECE: LAJUS, 2012, p. 1-10

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GUIDOTTI, Flávia Garcia. Dez mandamentos de Jorge Furtado: cartografia em três platôs. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Santa Catarina, 2010a.

\_\_\_\_\_. Movimento e tempo em Ilha das Flores. ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., 2010b, Londrina. *Anais...* Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010b.

DIAS, Rodrigo de Loyola. Parque Nacional do Pico da Neblina: conservação, pesquisa e divulgação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 4., 2004, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Fundação Boticário de Proteção à Natureza, 2004. p. 45-54.

OLIVEIRA, Carmen Silveira de. *Sobrevivendo no inferno: a violência juvenil na contemporaneidade*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

OLIVEIRA, Carmen Silveira de. *Brasil, além do Ressentimento*. Cartografias da Subjetividade no Brasil. 1997. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SILVA, Juremir Machado. Crítica à Ilha das Flores. *Zero Hora*, Porto Alegre, 17 jun. 1989.